

Sê Camaleão

Eduardo Bueno é um hábil camaleão – seja das palavras, seja do trato pessoal ou das habilidades intelectuais. Tive o prazer de acompanhar duas de suas palestras quando ele esteve de passagem por Curitiba, no dia 04 de maio do corrente ano, e é por esse motivo o “título” que lhe conferi. Mostrou-se, para além do jornalista, tradutor e escritor, bem como do que já é possível perceber em seu canal “Buenas Ideias” (encontrado no YouTube, no Instagram e em formato de podcast), um genial transmissor de conhecimento.

AUTORA

Laura Bittencourt Silva - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, na área de Cidadania e Políticas Públicas, é professora, advogada e assessora técnica da Secretaria de Estado da Comunicação Social e da Cultura do Governo do Estado do Paraná. Publicou o livro “Justiça de Transição à Brasileira: um processo de (des)união”.

Eduardo Bueno é capaz de agregar plateias com interesses e visões de mundo distintos; sempre com clareza, lucidez e ironia, encantando a todos com temáticas que à primeira vista podem iludir alguns ouvintes como sendo tediosas e obsoletas. Bueno comunica como poucos, porém alcança muitos.

A primeira das palestras ocorreu no hall da Biblioteca Pública do Paraná (BPP), em evento gratuito que inaugurou o “Ciclo do Bicentenário da Independência”, a ser promovido pela BPP até o final de 2022 e que contará com explicações de variados estudiosos brasileiros da temática. A segunda palestra foi realizada no Graciosa Country Club, que gentilmente firmou parceria com a BPP, UniBrasil Centro Universitário, Solar do Rosário e Instituto dos Advogados do Paraná, para viabilizar também o primeiro evento da agenda de Eduardo Bueno na capital paranaense.

O jornalista não deixou barato nos dois encontros: a todo momento alfinetava as plateias com seu humor ácido, sem deixar de se alfinetar também. Sobraram ironias e deboches bem aceitos, os quais rendiam reflexões aos presentes que, vejam só, escutam um mero Eduardo Bueno, ao invés de Goethe, mas mesmo assim se deleitam com os aprendizados, pois a plateia não passa de um público “simples” – como diz jocosamente. Enfim, a degenerescência social... Bueno transita com brilhantismo entre variados momentos da História brasileira – destarte o foco da palestra fosse monarquia e imperialismo – merecendo breve apontamento algumas passagens, como o fracasso da comemoração dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil, no ano de 2000. Consistia

em data com potencial comemorativo sem igual em razão da conjunção com o marco da virada do milênio, mas que não zarpou; tal qual a nau construída para tanto, que custou dez milhões de reais, porém não navegou. “É o país flertando com o naufrágio!”, nas palavras de Bueno, que complementa apontando o quão revelador foi o ocorrido, mesmo a conjuntura à época sendo de imaginada eminência cultural.

Avança, então, à urgência da rememoração de outros marcos históricos, como é o caso do Bicentenário da Independência, o qual não merece ser desperdiçado como datas anteriores foram. Há urgência na reflexão histórica sob as perspectivas: “de onde viemos?” e “para onde vamos?”. Ora,

se não houver esse resgate de efemérides, perde-se a memória, então o povo fica fadado ao retrocesso e à repetição de erros que poderiam estar superados.

Também alerta Bueno sobre a falta de cautela ao selecionar as informações históricas em razão das análises tendenciosas. Afinal, quem escreve as notícias e quem redige a História são pessoas comuns, com seus anseios, interesses e inclinações políticas – e são livres para isso.

Então Eduardo Bueno deságua no cenário monarquista de fato; o qual corresponde a um “épico da Netflix” ou uma “revolução freudiana”, conforme algumas das cômicas denominações por ele adotadas. Pontua também as



Liana Leão

retratações dadas à comemoração da Independência quando de seus 150 anos, ainda durante a ditadura militar, momento que não parecia oportuno aos debates culturais, porém que provou o contrário com interessantes eventos e inaugurações de espaços.

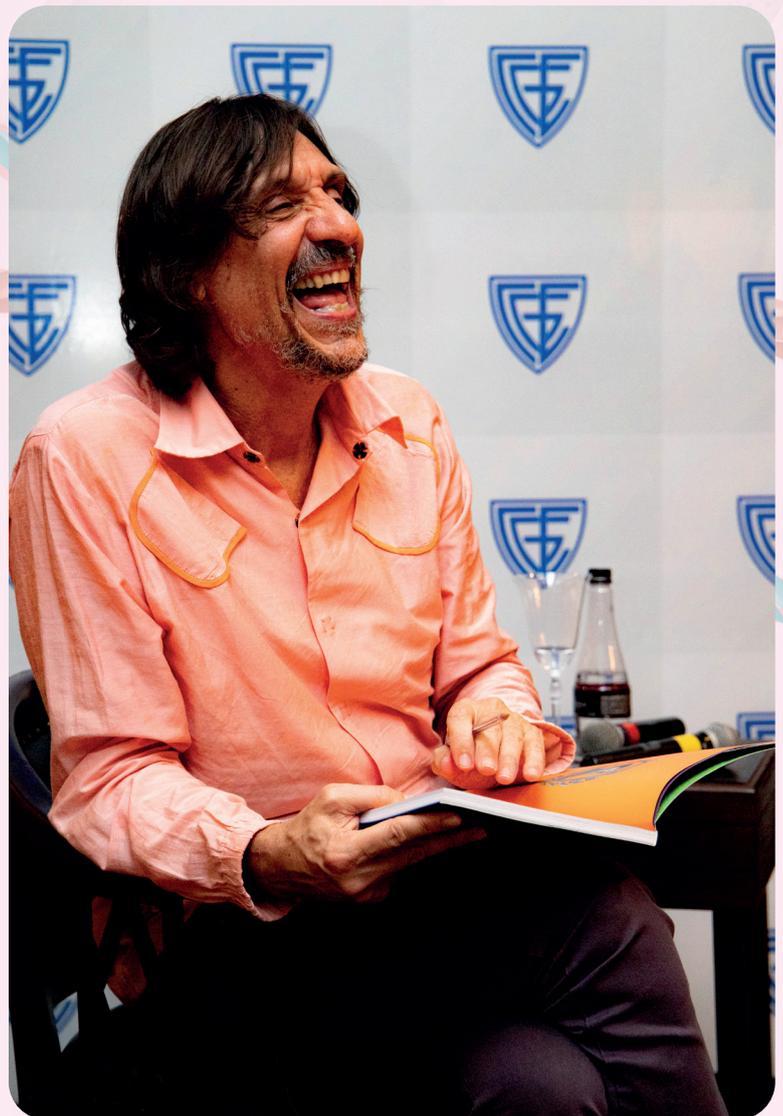
Bueno não deixa de denunciar o papel feminino na História brasileira, afinal de contas, a responsável pela Proclamação da Independência foi, em verdade, a Imperatriz Leopoldina. Da família Habsburgo, era mulher culta, conhecedora de idiomas e educada pelos melhores tutores – diferente de seu marido, o Imperador Dom Pedro I.

Além dessas explicações, questiona o complexo de inferioridade brasileiro; a desvalorização cultural e historiográfica; a frágil relação com a construção da cidadania brasileira e do país em razão do desconhecimento histórico; bem como o “colonialismo a posteriori”. Este último o palestrante classifica como sendo o questionamento das raízes que se firmam em um território e que acabam moldando culturalmente um povo e que, bem ou mal, promoveram benefícios. Situações essas que não deixam de vir acompanhadas de comentários acerca da adoção da palavra “brasileiro”, em oposição à “brasilienses” (como em tradução literal, por exemplo, do francês e do inglês), a qual conta com sufixo depreciativo em decorrência do uso em demérito de Dom Pedro I. Explica: o sufixo “-eiro” é relativo a profissões, como por exemplo: “marceneiro”, “carpinteiro”,

“pimenteiro”, “baleeiro” e “negreiro”. “Brasileiro”, portanto, deriva da profissão daqueles que eram responsáveis pelo tráfico de pau-brasil, deixando de ser uma ofensa somente após a Independência do Brasil.

Relata que o Sete de Setembro é fruto de confabulação: em 1823, durante a Assembleia Geral, Constituinte e Legislativa do Império do Brasil – a qual originou a primeira constituição brasileira –, a bancada paulista definiu a data comemorativa e marcou a ocorrência da Independência em São Paulo. Antes, a data não contava com relevância.

Apresentada brevíssima resenha da palestra de Eduardo Bueno no Graciosa Country Club, soa válido contrariar o orador. Seria, de fato, uma degenerescência desejar aprender com Eduardo



Eduardo Bueno.

Bueno ao invés de Goethe? Ora, quem mais poderia explicar tão bem sobre a História do Brasil até o presente e com tanta irreverência? Com certeza não seria o ilustre Goethe. Como dizem os franceses: “chacun à son métier” (ou, em bom e popular português: “cada um no seu quadrado”).

Humildade: que não sobre, mas que não falte – a ninguém. O renome de Goethe transcende fronteiras espaciais e temporais, mas é primordial que se saiba reconhecer e valorizar o trabalho que alguém (ou você) se propõe a desempenhar. A monta cultural da proposta que Eduardo Bueno apresenta é com toda certeza entregue a contento e representa valiosa fonte de pesquisa e aprendizado àqueles que se interessam pela História brasileira.

Ficam aqui o convite e a recomendação para que você que lê esta resenha visite os canais de Eduardo Bueno ou leia seus livros. Apesar de “não cair no Enem” (conforme canta a sua vinheta), imperioso apontar que “viver não cabe no Lattes”. Não bastam títulos e conhecimentos específicos quando não se detém cultura e se desconhece de arte e História. Que bebamos da fonte de Eduardo Bueno, afogando-nos em suas curiosidades e detalhes muitas das vezes censuráveis, e que jamais nos permitamos uma vida delimitada ao puro academicismo e à reprodução do conhecimento sem adequada análise crítica e discussão.

Sê camaleão você também. Permita-se dialogar com os mais diversos grupos e assim leve suas ideias ainda mais adiante; diversifique os pontos de vista a que você permite se expor. Aquele que apenas admira espelhos, perde de vista a imensidão do horizonte.

